

COESÃO

Do trabalho fecundo da organização, do esforço sincero—pensamento ou ação—dos seus militantes, é que poderá criar-se ambiente para a materialização das ideias que lhes servem de base e guia, na luta constante em que andam empenhados. Há um formidável trabalho a realizar. Ele só pode executar-se, porém, desde que todos concebam intimamente esta necessidade. Esse trabalho é de conjunto e tem de ser iniciado simultaneamente.

A organização operária portuguesa necessita fortalecer-se. As suas células precisam ser lubrificadas, para que o emperramento constatado desapareça, dando lugar ao movimento normal, um pouco acelerado, para ganhar o tempo perdido...

Trabalho fragmentado poderá, em relação ao que é preciso fazer, representar um grande esforço, mas os resultados custam a observar.

Atravessa-se uma situação especial, que pode ser encarada sob vários aspectos.

Que cada um se compenetre da sua missão perante o actual estado de coisas e se esforce por modificá-lo.

Cada gesto, qualquer movimento, tendente ao robustecimento da organização, representa um bom acto e a diminuição do mal que uma estagnação nos provoca.

Mas é preciso coordenar.

Essa missão está naturalmente indicada à C. G. T.

Desde que a organização de todo o país deserte e canalize as suas energias à central operária, ela saberá conjugar e orientar esse movimento, de forças espirituais e materiais, ao objectivo anseado.

O que é evidente, o que não pode sofrer a mínima contestação, é a rápida formação dessa ação, capaz de trazer à classe operária a sua coesão.

Que a consciência da organização se imponha perante o desmoronar da sociedade capitalista, nos tremendos escândalos que cada vez mais a abalam e que hão-de acabar por estatelá-la, completamente desmoralizada no seio da multidão.

E que cada organismo corresponda com entusiasmo ao movimento de solidariedade e ação que a C. G. T. se dispõe a realizar por todo o país e o proletariado português demonstrará um profundo espírito de visão e uma grande consciência.

A GARGONNE

foi inopinadamente proibida
pela autoridade

Anteontem, um bando de meninos católicos, alguns de duvidoso sexo, chefiados ao que parece pelo filho do chefe católico Lino Neto, foram ao Teatro da Trindade perturbar o sossêgo dos espectadores que, pacatamente, e ao abrigo das leis do país, estavam assistindo à representação de «A Gargonne».

O público indignou-se contra êsses seres, cuja abjeção se mede pelo ridículo e cujo ridículo corre parelhas com a sua impertinência e a sua imoralidade, e escorregou-os. Os meninos quiseram reagir, mas vieram parar, por energica e louvável decisão, ao meio da rua, onde soltaram uns ganiços por onde revelaram não pertencer à nossa espécie.

A autoridade, ontem, inopinadamente, proibiu a representação da «Gargonne».

A ideia de que ela proibiu «A Gargonne» porque «A Gargonne» ofendia a chamada moral pública, que pouco ou nada têm que ver com a única e verdadeira moral humana, não é admissível, visto que a autoridade assistiu impassível, durante dias, às representações daquela peça, sancionando-a largamente com a sua presença depois de a ter consentido com a sua licença.

«A Gargonne» já foi vista por milhares de pessoas—e toda a cidade pela boca das sabréa que a proibição, embora agrade aos cretinos das Novidades e aos jesuítas de A Epoca, não foi orientada pelos ditames da justiça nem por aquele sentimento que fazia cavar as meninas da Baixa perante as chamas dos peralvilos que vão, dominicalmente, à missa.

Não temos o dever de defender o presídio da autoridade, nem nesta questão isso nos interessa. Queremos apenas acentuar que ela ofende o espírito de justiça e o anseio de liberdade da população para ser agraciável a uns bárbaros bem vestidos que pretendem, à viva força, vêr na «Gargonne» as Monicas Leibler que proliferaram nas suas famílias.

Lede o Suplemento de A BATALHA

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobrefudos, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lâ, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobilias em ferro e madeira,—na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

A BATALHA

Director: MARIO CASTELHANO
Editor: SILVINO NORONHA
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 950; Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

SEXTO FEIRA, 14 DE JANEIRO DE 1927

MAU E PERIGOSO

Carlos Pereira, responsável do inquinamento das águas, quer a glorificação do seu crime

Carlos Pereira é o protótipo do arlequim mau e perigoso. Em todos os quadrantes políticos, na mesma linguagem inossa e óca, tem vindo à praça pública dizer que a água falta na cidade porque o Alviela não possui a necessária, sendo por isso conveniente fazer-se a captação de outras nascentes que só um novo contrato, com o agravamento do preço da água, autoriza.

Como a ladinha do arlequim não tivesse o condão de convencer o público, visto que já provámos que a água falta porque Carlos Pereira quer, pois fornece-a por razões, surge agora um novo processo de que já ontent nos fizemos eco. Trata-se, nem mais nem menos, da declaração feita por Carlos Pereira na Associação Comercial de que a água, embora tratada nos reservatórios, depois de percorrer as canalizações de Lisboa, está inquinada.

A quem cabe a culpa? Explica Carlos Pereira que a responsabilidade não lhe cabe, mas ao estado em que se encontram as canalizações visto que há muito tempo que deveriam ser reparadas o que não sucedeu ainda por falta de condições monetárias da Companhia.

Carlos Pereira bate aqui o «record» daousadia. Para provocar o aumento do preço das águas, foi para uma refinaria de «fôrças vivas» denunciar o perigo em que todos estavam metidos, perigo, aliás, já de nosso conhecimento.

De água inquinada há muito tempo que se abastece a população de Lisboa. Há muitos anos que Carlos Pereira é o principal agente da febre tifoide. De larga data que o director da Companhia das Aguas alimenta os pavilhões do Hospital do Régio.

Uma esmagadora percentagem de tifos encontraram o mal na água que ingeriram—nessa água que Carlos Pereira nos for-

SINDICALISMO E ANARQUISMO

AS IDEAS E O SINDICALISMO

Existem muitos sindicalismos que servem muitas ideias e existem também sindicalistas que não deixam de chamar-se revolucionários e não aceitam que dentro dos sindicatos se levantem e mantenham os postulados das ideias. Os sindicalistas neutros e absurdos—negar-se a pensar e ir: absurdo—dizem que as ideias são a causa da decadência sindicalismo, dêsse sindicalismo que éles fizeram e serviria a ideia de não ter nenhuma.

Estaremos de acordo com êstes sindicalistas se deixam *ipso facto* de chamar-se revolucionários, mas, de contrário, temos que criticá-los e discuti-los, pois que não podemos admitir, nem tolerar, que os sindicatos vã para a revolução sem nenhuma ideia, já que sempre foram as ideias o dinamo e o crisol de todas as revoluções. Dizer-se sindicalista revolucionário, aspirar à total abolição da burguesia, lutar por um regime de igualdade económica, defender o princípio de que os meios de produção que hoje detêm o capitalismo, não é passar a ser postos ao serviço da colectividade produtora, pugnar, enfim, pela liberdade económica dos trabalhadores exalirando a escravidão e o ignominioso salário e pretendem que esse sindicalismo não necessita das ideias, dessas ideias que engendram e alimentam a revolução, é absurdo e só se pode compreender em homens que desconhecem a trajetória desse mesmo sindicalismo revolucionário que elas fazem sei por o desconhecer, pois que do contrário resultaria a maior contradição daquilo que elas mesmo defendem.

Um sindicalismo acéfalo, sem ideias, já-mais existiu, nem existirá, admitimos, isso sim, que êsses sindicalismos conservadores e nacionalistas estejam insultados de umas ideias que em boa lógica não podem tomar a sério, porém, temos que atacá-los forçosamente pois que são a incarnação do capitalismo, que é a total abolição da burguesia, lutar por um regime de igualdade económica, defender o princípio de que os meios de produção que hoje detêm o capitalismo, não é passar a ser postos ao serviço da colectividade produtora, pugnar, enfim, pela liberdade económica dos trabalhadores.

Mas, não o devemos esquecer, a A. I. T. tem o alto orgulho de representar o sindicalismo anti-autoritário e encarnhar-se na moralidade e a luta eleitoral, são encarnadas pela A. I. T. de Berlin e é só esse movimento operário o genuíno representante do sindicalismo que tende à revolução por meio da ação directa e da luta económica dos trabalhadores.

Preguem agora aos adversários dos actos desse governo, isto é, aqueles que estão sinceramente convencidos de que eles prejudicam a colectividade, se a atitude do jornal que se coaduna com a moral consiste em atacá-los ou em defendê-los. Sem uma hesitação elas replicarão que um jornal que aplaudiu um governo trai o país.

Acontece ainda que o ódio à imprensa, as acusações contra a imprensa são dirigidas especialmente contra os jornais da oposição. Se

do reformismo, negando até a luta de classes e a ação directa.

E então sim, se pode admitir um sindicalismo sem ideias e sem poderes de reconstrução igualitária.

Treis ideas sustenta o movimento operário que nós temos de tomar em consideração e só uma salvaguarda os valores orgânicos do sindicalismo. A sindical de Amsterdã é uma dependência dos partidos socialistas governantes na Europa, a I. S. V. é a cumplice da ditadura na Rússia e as duas juntas são negadoras do sindicalismo, poiso que servem para a colaboração e o reformismo, usando o sufragio universal e negando a ação directa.

As correntes do sindicalismo revolucionário, que estão em oposição aberta com o reformismo e a luta eleitoral, são encarnadas pela A. I. T. de Berlin e é só esse movimento operário o genuíno representante do sindicalismo que tende à revolução por meio da ação directa e da luta económica dos trabalhadores.

Mas, não o devemos esquecer, a A. I. T. tem o alto orgulho de representar o sindicalismo anti-autoritário e encarnar-se na moralidade e a luta eleitoral, são encarnadas pela A. I. T. de Berlin e é só esse movimento operário o genuíno representante do sindicalismo que tende à revolução por meio da ação directa e da luta económica dos trabalhadores.

Por razões que estão no espírito de todos os leitores e que por isso resolvemos não expor, ela atravessa neste momento uma crise que pode ser de gravíssimas consequências.

A existência de jornais—e bem raros são—que não vivem de expedientes ou da defesa de empresas capitalistas de exploração pública está até gravemente comprometida.

Como não fazemos a injúria de acreditar que a vida do Portugal seja desonesta ou desonesto, queremos saber como consegue levar existência desafogada a ponto de lhe permitir ser distribuído gratuitamente pela cidade de quando em vez.

Agradecemos-lhe que ele nos ensinasse a receber a fim de a aplicar-nos a suprir as dificuldades de ordem financeira com que lutamos.

Fonte maldita

A União Operária Católica, instituição recentemente fundada e composta por um número diminuto de sócios, acaba de adquirir, para sua sede, o teatro Sousa Bastos, de Coimbra.

Onde foi esta associação buscar o dinheiro para adquirir o citado teatro? De certeza que não foi ao produto da cotisação que deve ser insuficiente para o custeio do expediente e da luz eléctrica.

Afirmamos que sem a ideia anarquista o sindicalismo revolucionário não pode existir, não tem razão de existir, e que, quando os operários anarquistas deixam de militar dentro destes sindicatos, todo o seu espírito revolucionário desaparece e então os sindicalistas revolucionários, que hoje accusam as ideias da decadência do sindicalismo, já não existirão, e em todo o caso, continuariam sendo sindicalistas, mas terão já deixado de chamar-se ou pretender ser revolucionários, pois que sem a influência anarquista os sindicatos voltarão a garupá a revolução e seguirão as plácidas verdades

do sindicalismo revolucionário.

A MORAL E A IMPRENSA

Vivemos uma época singularmente regressiva. Toda a intolerância dos tempos em que as cidades se iluminavam a azeite em nichos elevados a Santa Genoveva ressuscitou. Andam pelas ruas, à solta—inteiramente à solta—criaturas com opiniões impressas há cinco séculos e condenadas há três sem que se apercebam, devido à sua estupidez ou à sua fatuidade, do ridículo em que incorrem. Se hoje aparecesse um indivíduo com a indumentária da idade média o menos que lhe podia acontecer era desafiar as risadas das que o vissem e arrastar, atraídas de si, bandos de garotos rufando em latas e fazendo-lhe sussurrar.

Pois se é ridículo ter-se desse

seculo a indumentária não o será

também possuir-se-lhe as ideias?

Não o pensam assim uns efemidos reacionários que são pela monarquia e pelos pastelinhos de nata Benard, que se atrevem com a sua coragem desculitiva e uma estupidez indiscutível a defender medidas repressivas contra a imprensa,

a fim de evitar que ela se converta num

instituto de oportunistas.

* * *

... E final, em via de regra—as

excepções não contam visto que sem

elas não poderia haver uma única

regra—a imprensa de oposição é a

mais honesta, a mais nobre, a mais

desassombrada... e a mais pobre

E' ela que prepara o futuro—o

futuro que outrora se construirá em

barricadas românticas e sangrentas.

E' ela que ilumina a consciência dos

povos, que orienta as grandes correntes de ideias, que flagela tódas as iniquidades e que anuncia aos

amantes da verdade, aos partidários

da liberdade, aos defensores da

justiça a vinda dum era nova, pro

mética, a decantada idade de ouro

do género humano.

E' a imprensa que defende a ordem

de coisas estabelecida? E' dessa

símbolo marcante o eterico jornal

governamental e o jornal governan-

teiro é um deplorável caso de

mentira oficial, de ridícula assexua-

lidade e de triste e vil servilismo.

No jornal governamental pode

publicar-se tudo—tudo menos a ver-

dade, tudo menos a justiça, a ju-

stiça e a verdade que sejam contrárias

à razão de Estado—e a história

é cheia de crimes praticados em nome

da razão de Estado.

O jornal governamental tem o de-

ver de calar-se quando a verdade

embarace o governo; de negar a

justiça quando o governo for dela

colocar. Ninguém o abre, nin-

hum o folheia nem o consulta, sem

um gesto de enfado, sem um boce

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 3 da tarde—Soirée às 8,45
ULTIMOS ESPECTACULOS
da grande companhia de bailados russos
SASCHA MORGOWA
2.ª apresentação do quadro de grande
espectáculo
JAZZ! JAZZ! JAZZ!
que ontem alcançou um grande êxito
Quadros plásticos—Nô artístico
CONCERTO pela FOZ MELODY BAND
No ecran: «Fuga da noiva»—5 partes
PREÇOS POPULARES

TEATRO VARIEDADES
TODAS AS NOITES DUAS SESSOES
às 20,30 e 22,30
COM A COMÉDIA
O INFERNO

Teatro da Trindade
TELEF. T-076
Companhia Lucília Simões-Erício Braga
HOJE, às 9 1/4 da noite, em ponto
A representação da peça
em 3 actos de Bernstein

A
RAJADA

ciente e consciente da sua força e do seu valor, pela solidariedade e pela confiança mútua; o que só se consegue pela ação comum de toda a organização e não pela ação particular do sindicato isolado. Isto que é absoluta e urgentemente indispensável para a vitória do proletariado (que não quer de modo algum fazer regressar os burgueses à situação de explorados do quarto estado), tem ainda a vantagem, importante e essencial, de polir as arestas do corporativismo estreito e fechado de que algumas classes, infelizmente, ainda enfermam.

Todavia como o crítico em causa faz mais questão de termo que de facto, no que respeita aos sinônimos unidade e união, dir-lhe hei que unidade não é a mesma coisa que união, encarado aquele como termo matemático, daí resto, Cândido de Figueiredo, que nos deve merecer incontestável crédito, dá-lhes, além doutras, as seguintes definições:

União—Junção, adesão, contacto, aliança, etc.

Unidade—União (precisamente o mesmo significado)—Reunião de séries individuais considerados nas suas relações recíprocas ou caracteres comuns. Ação colectiva tendente a um fim único—uniformidade. Unidade táctica—corpo de soldados destinados a manobrar juntos nas circunstâncias em que os outros corpos manobram também juntamente.

São estas precisamente as definições que nos convém para sintetizar com precisão os nossos desejos na tão falada questão da unidade.

Desejamos unidade táctica, unidade de ação. Aplicado assim o termo, evidentemente que não tem o valor de união, visto que se não pode dizer —união táctica, ou união de ação. De resto, isolados, têm idêntico valor como sinônimos de aliança e de ação conjunta.

Gonçalves VIDAL

Corrigenda.—No artigo anterior, no período em que se tratava do capitalismo e luta de classe, fê-se: «a gênese sindicalista etc.», devendo ler-se: «a gênese socialista».

Notas várias da Lisboa triste

Colhido por uma lingada

No Banco do Hospital de São José, reaberto curativo e foi para casa, António Pires, de 31 anos, natural de Abrantes, marítimo, residente na rua São João da Mata, 25, loja, que, a bordo dum vapor inglês fondeado em Santa Apolónia, foi colhido por uma lingada ficando contuso nas costas.

Uma agressão

No Banco do Hospital de São José, foram pensados e recolheram a casa, Diogo Pinto Cardoso, Rego, de 37 anos, natural de Santarém, funcionário público, Alto do Miradouro, em Queluz, que foi agredido no Rossio, ficando ferido na cabeça.

Sem assistência médica

Na Morgue, deu entrada o cadáver de Maria Rosa Correia, de 82 anos, que faleceu sem assistência na sua residência, rua de Artilharia, 1, 55, r/c.

ACHADOS

Encontram-se no nosso jornal, à disposição de quem provar pertencer-lhe, uma malinha de senhora contendo dinheiro, que foi achada na calçada do Combro, e duas chaves pequenas encontradas no Salão de Festas da Construção Civil.

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Um portoiro insolente

Já não é a primeira vez que alguns dos donentes que vão às consultas externas do hospital de São José se nos queixam do procedimento incorrecto do portoiro Amaral para com as pessoas que vão àquele estabelecimento.

Ontem fui o operário bagageiro João de Araújo que veio a esta redacção protestar contra a atitude daquele portoiro, a quem icusa de lhe ter impedido a entrada no hospital depois de lhe ter consentido que viesse a um estabelecimento comprar tabaco, enquanto não chegava a vez na consulta de doenças de pele do dr. Alvaro Lapa, onde está inscrito.

João de Araújo disse-nos que são testemunhas desta censurável atitude o guarda republicano 150 da 1.º batalhão e o cívico 1728, da esquadra da Meuraria.

TIVOLI
(às 21 horas)

O último correio
Comédia dramática americana em seis
partes com MONTE BLUE, VERA REY-
HOLD e WILLARD LOUIS

PORTUGAL
NA
CALIFORNIA
Exibição completa deste interessante
documentário da obra dos portugueses
nos Estados Unidos (seis partes)

REVISTA CINEMATOGRÁFICA
UMA CINE-FARCA

As águas

A Câmara Municipal rompeu
as relações com a Companhia
das Águas

Noutro lugar, a propósito de uma afirmação do sr. Carlos Pereira na Associação Commercial, dizemos que a Câmara Municipal de Lisboa por não lhe convir o contrato com a Companhia das Águas resolvendo rescindilo.

Porém, ao abrigo da letra do contrato, para se fazer a rescisão era mister cumprir várias formalidades. A Companhia, para protelar a questão, tem procidido de forma incorrecta, o que levou o presidente da Câmara Municipal a dirigir-lhe o seguinte ofício:

«Apenas como mero incidente provocado por essa Companhia na sua notificação judicial, foi à Câmara da minha presidência, levada a referir-se no ofício 3.100, ao assunto dos débitos por essa Companhia reclamados, e da qual tornavam dependente a nomeação de delegado seu, que previamente, com outro nomeado pela Câmara, procedesse à avaliação das obras referidas na cláusula 5.º do contrato de 1898. No referido ofício, declarou a Câmara que a sua contestação não é sobre o montante pedido, pelo que ela tem de ser ponderada e apreciada devidamente, e assim se reserva para de momento próprio, e onde haja de ter lugar a discussão deste assunto, trá-la. A-pesar-disso, essa Companhia, num extenso ofício, quase exclusivamente insiste em tal assunto, o que mais uma vez denota desejo de protelar e confundir, afastando-se do assunto que neste momento exclusivamente interessa à Câmara, qual é da remissão, que pretende efectuar dentro do menor tempo possível. Tais circunstâncias conforme a parte final do requerimento da notificação feita a essa Companhia, tal deixa e injustificada insistência, quando para a remissão tem de se ter em vista o que dispõe as bases 5.º do contrato de 1898 e 17.º do contrato de 1857, importam a Câmara entender que, tendo decorrido o prazo marcado na notificação sem que V. Ex.º e seu delegado, tal altitude importa recusa formal à remissão por metos suadórios, pelo que, desde esta data, pôr inteiramente de parte quaisquer negociações para esse efeito, o que comunica a essa Companhia pelo presente ofício.»

DESPORTOS

Taga Luciano Fernandes

Tiveram os seguintes resultados os desfiles do dia 9: Santana A venceu Monte Pradense por 5 0; Santa B venceu Mascote por 2 0; Sport Lisboa e Campolide B empatou com Sporting Club de Campolide por 2 2.

Desafios para domingo 16: Sport Lisboa e Sol contra Sete Moinhos às 9 horas; Campolide A contra Monte Pradense às 11; Santana A contra Santa B às 13.

17 agentes de polícia castigados e expulsos por actos imorais!

A Ordem da Polícia inseriu uma parte do Conselho Disciplinar em que, a pedido do sr. director da Polícia Administrativa, se dá a conhecer a expulsão dos agentes José Hipólito Rodrigues Monteiro, por ter recebido dinheiro de várias pessoas com o pretexto de lhes tratar de questões pendentes nas repartições policiais; António Pedro da Costa, Frederico Augusto de Aguiar e Silva e Vitorino Preto, por terem recebido, por várias vezes, dinheiro de «chaufeurs», com o fim de não multarem, deixando passar impunes suas flagrantes transgressões de posturas sobre trânsito.

Refere a aludida parte que, como arguidos da mesma falta, estão suspensos por cinco dias os agentes Eugénio Pais dos Santos e Manuel Joaquim Alves; por 10 dias, os agentes Manuel da Silva Diogo, João Baptista Fernandes Cascão, João Faustino, António Rodrigues Baptista e Vergílio Pinto; por 30 dias, os agentes Adolfo Torquato, António de Oliveira, José Sanches, Clemente António das Neves e Joaquim da Silva; e por 60 dias, o agente António Moreira Júnior.

MUSICA
O 9.º concerto Fão

E' uma maravilhosa musical o brilhantíssimo programa do 9.º concerto Fão que, depois de amanha, no teatro do Gimnásio, executará em matinée a esplêndida Orquestra Sinfônica Portuguesa, dirigida pelo ilustre maestro Fernandes Fão. Esse programa magistral consta das seguintes composições:

1.ª parte — «Parsifal», No jardim encantado de Klingsor, Wagner; Juventus, Poema Sinfônico (a pedir); «V. de Sabata». 2.ª parte — «A Sinfonia» (patética) «Tchaikowsky; a) Adagio allegro non troppo-andante; Allegro vivo; b) Allegro com grazia; c) Allegro molto vivace; d) Adagio lamentoso.

3.ª parte — «A filha de Neve», suite (extraída da ópera) Rimsky-Korsakow, (1.ª audição em Portugal). I—Introdução Le beau printemps; II—La danse des oiseaux; III—Le cortège du roi; IV—La danse des bouffons; «Tannhäuser», abertura. Waener.

A BATALHA

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Nacional

A peça de Ramada Curto, «Justiça...»

Ramada Curto, cujo afastamento, pelo menos aparente, da vida política, não nos cansaremos de bem dizer, lançou agora no meio teatral mais uma obra. Ainda no Gimnásio se mantém «O caso do dia» com assimilado êxito e já uma nova peça se representa no palco do Nacional. A «Justiça...» é uma obra de vigorosa intensidade, com diálogos traçados com uma grande elegância literária, com pormenores que só um dramaturgo de pulso pode trabalhar com proficiência. É esta peça a melhor de Ramada Curto. Honra o seu autor. Afirma-se o observador, mas salienta-se, destaca-se também, o homem de letras distinto que ele é. As situações não são forçadas. Um belo poder de síntese as caracteriza. As personagens são tratadas com grave perspectiva e os factos surgem com uma verdade flagrante, duma eloqüência admirável. Ramada Curto conquista desde este momento um dos melhores lugares da nossa literatura dramática.

* * *

Para tal peça só um desempenho homogéneo, seguro, equilibrado. Tal conseguiu a companhia do Nacional em que Alves da Cunha dá a sua direcção, de mãos dadas com esse encenador e diretor artístico notável que é Araújo Pereira. Todos muito bem, sem uma hesitação, desde a grande figura que é Alves da Cunha, até aos de menor valor dramático. Berta Bivar, Ribeiro Lopes, Branca Riquetti, muito bem, muito à vontade. Eis tudo.

Nogueira de BRITO

No Gimnásio

Reaparição de Conchita Ullia

Conchita Ullia, a graciosa cancionista que toda Lisboa conhece e aprecia, depois de uns anos de *réfrega*, reaparece agora, no palco do Gimnásio, contratada pela companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Noite festiva, sorrisos de satisfação na selecta assistência, ansiedade em toda a gente. Em *fin de fiesta*, como diria agora, Conchita Ullia faz a sua reaparição. Mais do que a tradição do seu valor, a sua autêntica arte domina o público, os aplausos sucedem-se. A ternura inata de Conchita Ullia perpassa nas suas lindas canções, o ritmo da sua voz embala os que a ouvem, a docura da sua fina dicção penetra de sentimento os que a ouvem.

Conchita é a mesma, diz-me alguém que se senta a meu lado. Efectivamente não perdeu uma só das suas qualidades, desde a distinção do seu porte, até à intenção das suas interpretações.

Terminado o espectáculo. Soavam as últimas palmas. Conchita assemelhara-se a uma vez da público de Lisboa. Mais uma vez o clima de festa.

Daqui por diante, a empresa do Gimnásio bem pode pensar na maneira de dilatar os lugares, para que toda a gente lá possa caber.

N. de B.

Mouraria

No Apolo

Dizer que, no Apolo, a companhia Almeida Cruz representa hoje a «operaeta Mouraria», é quasi superfluo: a excedida peça do Lino Ferreira, Silva Tavares e Lopo Lauer, musicada pelo maestro Filipe Duarte, sobre um grande acontecimento teatral desta época é também um modelo no seu gênero. Repete-se hoje, em duas sessões e, tal como desde o começo da sua já formidável carreira de sucesso e de encheres, pelos mesmos preços reduzidos, ao alcance de todos, sem locações nem outras alcavadas e impostos habituais.

O Inferno

No Variedades

Depois do sucesso do «Pinto Calvário», no Variedades, a companhia Maria Matos-Mendes de Carvalho vai hoje representar outra farça desolante e engraxadíssima, das que conservam o público em permanente gargalhada: «O Inferno», três actos de António Pasco e Joaquim Abati, tradução de João Soler. «O Inferno», que já em 1917, foi um dos maiores sucessos de Lisboa, tem a seguinte distribuição: Clara, Maria Matos; Plácido, Silvestre Alegriam; Eva, Beatriz Belmar; Valeriana, Maria Lagoa; Margarida, Miqueline Rodrigues; Firmina, Maria de Luna; Lúcia, Ruth Marçal; Padre Leão, Henrique Alves; Angelo, António Palma; Dr. Luz, João Lopes; Morales, Joaquim Miranda; Cândido, José Cardoso.

Conchita Ullia

no Gimnásio

«Conchita Ullia» é presentemente a atração e o ênredo do público de Lisboa. Não se fala de outra artista, nem se discute outra coisa que não seja o seu formidável triunfo no Gimnásio. Toda a gente anseia por vê-la e ouvi-la, o seu repertório que a crítica proclamou como uma maravilha de graca, de sentimento, de ternura, de beleza e de encanto, teve um êxito inigualável, as suas «toilets» produziram a maior sensação pelo seu chic, pela sua elegância e riqueza. «Conchita Ullia», faz hoje a sua 3.ª apresentação perante a sala do Gimnásio, repetida, como sucede ontem e anteontem. Abre este espectáculo sensacional, o mais completo e o mais brilhante da actualidade, vencendo todos os programas pela sua firmeza, a pega de Ramada Curto, «O caso do dia», gloriosa criação da eminentíssima Amélia Rey Colaço e soberbo trabalho de Robles Monteiro, Joaquim de Oliveira e Leonor de Eça, que continua em pleno sucesso.

Cabaz de Morangos

Entre as novidades que apresenta actualmente a revista do Eden, merecem referência especial: o quadro «Fora de horas», o «Fado do operário», cantado por Alfredo Henriques, e mais os números das «Ave-Marias», «Camponeira e emigrante» e «A menina do Conservatório». A-pesar-dos espetáculos no Eden, Teatro findaram às horas marcas pela autoridade, e da ampliação que teve o «Cabaz de Morangos» com os dois quadros novos, em que se inclui o «Bala huma», a revista continua exhibindo-se com todos os números que a celebraram.

Aida no Coliseu

Faz hoje as suas despedidas ao público de Lisboa a grande companhia italiana,

dando o seu último, definitivo e irrevogável espetáculo com a grande e apreciadíssima ópera, de Verdi, Silva Tavares, estando os restantes papéis a cargo do notável mezzo soprano Antonietta Toini, do distinto tenor Bergamaschi, do célebre barítono Damiliani e dos grandes baixos Donaggio e Friggi.

Com este notabilíssimo conjunto artístico a interpretação da grande ópera deve ser magnífica e de molde a acentuar mais ainda, se é possível, dos justos créditos de que goza a companhia de ser uma das mais bem organizadas que tem vindo a Lisboa.

Aproveitem, portanto, o dia de hoje todos os amadores do belo canto, visto que se lhes proporciona uma autêntica noite de artes.

Empregados inabilitados

O sr. dr. Veiga e Sousa propõe que aos empregados municipais inabilitados e sem direito a aposentação, ou reforma sejam abonados, em harmonia com a tabela seguinte: até 5 anos incompletos de serviço, 25 0/0 do vencimento de categoria e melhoria correspondente; de 5 a 10, 30 0/0; de 10 a 15, 40 0/0; de 15 a 20, 50 0/0; de 20 a 25, 60 0/0; de 25 a 30, 70 0/0; de 30 a 35, 80 0/0; de 35 a 40, 90 0/0 e de mais de 40 anos, 100 0/0.

Não será

MARCO POSTAL

Geme.—*Iosé A. Correia de Sousa.*—Recemos 20\$00, que pagou a assinatura até 8 do corrente. Não tem razão para estar ofendido, conforme mostra no seu bilhete, Comunicámos o seu pedido ao A. Marques.

Panoias.—*Pessoal do Partido 14.*—Recemos 15\$00. Assinatura paga até 31 do corrente.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Mádriz, cheque	81\$15	
Paris, cheque	57\$8	
Suíça	378\$5	
Ervaxelha cheque	257\$1	
New-York	195\$8	
Amsterdão	75\$4	
Itália, cheque	56\$	
Brasil	23\$0	
Praga	58\$5	
Suecia, cheque	52\$4	
Austria, cheque	27\$7	
Berlim	45\$6	

TEATROS

Nacional.—A's 21.—Justica...
Trindade.—A's 21,15.—A Rajada
São Luís.—A's 21.—Roma galante.
Gimnásio.—A's 21,30.—O caso do dia.
Politeama.—A's 21.—Galatos.
Avenida.—A's 21,30.—O Pé de salsa.
Apollo.—A's 20,30 e 22,30.—A Mouraria.
Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Morengos.
Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—O Inferno.
Maria Vitoria.—20,30 e 22,30.—Sempre fice.
Coliseu.—A's 21.—Fedora.
Salão Foz.—A's 15 e às 20,30.—Variedades.
Joaquim de Almeida.—A's 20,30.—Animatógrafo.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—«Matines» e «soirées».—Salão Central.—Praça dos Restaurantes.—Chiado Terrasse.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alvalte (Alcântara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer (Variedades).—Salão Lisboa (Mouraria).—Cine-Esperança.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respetivo regulamento publicado no Diário da República, 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu nº 1º aviso de 11. As sindicados que desejem adquirir quantidadade far-se-há um abconto de 50 por cento em photocopies de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o nº. 38 desta revista intitulado *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón.—Preço, 50.—Pedidos à administração de *A Batalha*.

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki
Como se forja um Mundo Nuevo...
Cuentos de Itália...
La vida de um Homem innecessário...
Vladimiro Korolenko
El Imperio de La Muerte...
Dr. G. Feydoux
La vida tragica de los Trabajadores...
Jean Masestan
La Educación Sexual
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidade...
E. Redus
La Montaña...
El Arroyo...
Octavio Mirbeau
El Calvario...
P. Kropotkin
La ética, la revolución y el Estado...
Luis Fabbri
Crítica revolucionaria...
H. Malatesta
Ideario...
F. Dostoyevsky
Los Hermanos Karamazov...
9\$00

PINHÃO

Vende José Capote, Vendas Novas.

O oficial afastou-se a galope, a fim de ir levar a ordem de Hoche ao general Ferino, comandante da vanguarda do exército republicano que formava em três colunas, com a cavalaria à direita, a artilharia à esquerda, e na segunda linha as reservas, as ambulâncias e as praças não combatentes. De repente, um ruído ao longe, surdo e prolongado, se ouviu da vanguarda do inimigo o bastante para que pudéssemos distinguir um considerável corpo de cavalaria...

O vento norte, elevando-se com crescente força, impelia para o sul os seus húmidos vapores. A atmosfera iluminava-se cada vez mais, e em breve S. Just, Hoche e o seu estado maior, colocados num planalto assisido elevado, puderam alcançar com a vista todo o teatro da batalha que se ia travar. Em frente, no extremo do horizonte, estendia-se, de noroeste para sueste, o perfil regular das trincheiras ou linhas de Wissembourg, paralelas ao curso do Lauter, pequeno rio que servia de fôsso a estas obras de fortificação. A' direita, a floresta de Bienvall, na margem do Lauter, perdia-se ao longe na direcção de Lauterbourg, quartel-general do exército de Condé, cidade situada perto duma sinuosidade do Rheno.

Hoche, observando com a luneta as posições do exército austriaco, disse a S. Just:

— Como já eu previa, o general austriaco, surpreendido pela nossa marcha que o impede de tomar a ofensiva, acaba de modificar o seu plano de batalha, fazendo retroceder a sua cavalaria até a meia encosta do planalto de Geisberg. E' preciso aproveitarmos a hesitação que ao exército inimigo deve ter causado este recto defensivo.

Depois, dirigindo-se a um dos oficiais às suas ordens, Hoche continuou:

— Vai dizer ao general Ferino que avance com a cavalaria e artilharia da sua divisão. Os seus artilheiros romperão o fogo contra os esquadões inimigos, e assim que estes se acharem abalados, lançará o general a sua cavalaria.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima.—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Horário dos combóios

7.º aditamento ao cartaz-horário D. 181

LINHA DE LESTE

A partir de 15 do corrente o combóio de recovagens nº. 2002, que actualmente faz serviço de passageiros de 3.ª classe entre Aveiro e Entroncamento, passa a fazer o mesmo serviço até Setil, sendo a sua marcha desde o Entroncamento a seguir: Combóio nº. 2002, Recovagens, 3.ª classe. Não se efectua as segundas-feiras. Entroncamento, partida, 23-22; Torres Novas, 23-48; Mato de Miranda, 0-09; Vale de Figueira, 0-38; Santarém, 1-19; Vale de Santarém, 1-37; Sant'Ana, 2-00; Setil, chegada, 2-06.

Desde a mesma data o combóio de mercadorias nº. 2005 fará serviço de passageiros de 3.ª classe entre Setil e Entroncamento, com a marcha a seguir indicada:

Combóio nº. 2005, Mercadorias, 3.ª classe: Setil, partida, 13-55; Sant'Ana, 14-23; Vale de Santarém, 14-51; Santarém, 15-45; Vale de Figueira, 16-42; Mato de Miranda, 17-20; Torres Novas, 18-13; Entroncamento, chegada, 18-22.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1927.—O director geral da Companhia—Ferreira de Mesquita.

AVISO AO PÚBLICO

PRAZOS DE TRANSPORTE

A partir de 15 de Janeiro de 1927 e até aviso em contrário, às remessas a transportar nas linhas desta Companhia são aplicadas, no que respeita a prazos de transporte, as seguintes disposições: Em grande velocidade: a) Os transportes fúnebres e remessas de metálico ou valores, criação e animais vivos, gêlo, leite, caça morta e carnes frescas, mariscos e pescaria fresca, hortaliças e frutas frescas, legumes verdes, plantas vivas e flores frescas (coroadas), serão transportadas nas condições que normalmente prescreve a Tarifa Geral (seu art. 58.º e § único) para as remessas de grande velocidade. b) Quaisquer outras remessas de grande velocidade não designadas na anterior alínea a) serão transportadas em prazo que não poderá ir além de 24 horas cada fracção, indivisível de 152 quilómetros de distância a percorrer, não se contando neste prazo o dia da expedição nem o da entrega. Em pequena velocidade: As remessas serão transportadas num prazo que não deve exceder 48 horas para a primeira fracção individual de 50 quilómetros, e de 24 horas para cada uma das seguintes: fracções de 75 quilómetros não se contando neste prazo o dia da expedição ou a entrega.

O presente anula e substitui o Aviso ao Público A nº. 58 de 5 de Março de 1923.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1927.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS
sem consultar
UNIÃO
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras
EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa
Sede em VIEIRA DE LEIRIA
Travessa do Fala Sô, 9-B
TELEF. N. 3415

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

MATERIAL E TRACÇÃO—ARMAZENS

Fornecimento de 420 toneladas de óleo mineral escuro para lubrificação

No dia 23 do corrente, pelas 12,30 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), pertencente à Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 420 toneladas de óleo mineral escuro para lubrificação.

As condições estão patenteadas, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazéns Gerais da Divisão do Material e Tracção (edição da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis das 10 às 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rossio.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1927.
O Director Geral da Companhia
(a) Ferreira de Mesquita.

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Providência do Ferro-viário do Sul e Sueste

(Estatutos aprovados pelo Decreto nº. 10.558, de 14 de Janeiro de 1925)

SEDE: Rua de S. Mamede (no Caldas), n.º 63

Telefone N.º 4.264, Central

Editos de 30 dias

Pela Comissão administrativa da *Providência do Ferro-viário do Sul e Sueste* correto de 30 dias, nos termos da artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos, a contar da última publicação deste anúncio no *Diário do Governo*, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito a todo ou a parte da quantia de sete mil novos centos quarenta e quatro escudos (7.944\$00), valor do auxílio, de que trata o artigo 17.º e seu parágrafo único, dos citados Estatutos, deixado pelo sócio nº. 1962, Mauel Gomes Simões, falecido em 27 de Novembro do ano findo, e a enxa quantia se habilitaram Joana Vitoria Simões, Maria Gomes Simões e Mario Gomes Simões, esposa e filhos do falecido.

Lisboa e sede da *Providência do Ferro-viário do Sul e Sueste*, aos 8 de Janeiro de 1927.

O Secretário da Comissão Administrativa Vasco Lupi

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora...
Sapatos para homem...
Escravos práticos grandes saldos...
Escravos brancos (saldos)...
Grandes saídas de calçados pretos...
Escravos ceccos para homens...

Não combina a SAPATARIA SOCIAL OPERARIA com a sua Casa...
Ver bem, pois só lá encontrar bons baratos...
A Social Operaria e marcas dos Capitalistas...
18-24 com Filial na mesmaria, n.º 45.

SUCATAS

Compra-se toda a qualidade e quantidade de sucata de metais e ferro. RUA CAIS DO TOJO, 38 e 40 (ao Conde Barão).

FATOS

A 220\$00 feitos por medida em boas casemiras. Recebem-se fatos a feito e forros por 120\$00.—ALFAITARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V, 86.

Edições de A SEMEITEIRA

Práticas néo-maltesianas...
O sentido em que somos anarquistas...
A peste religiosa...
A liberdade...
A internacional (música e letra)...
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Um livro interessante
Acaba de ser posto à venda
uma bela obra de RICARDO MELLA,
IDEARIO

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina—Crítica Social—Educação—Literatura—Teatro—Língua—Língua—Auctoridade—Ensaios Filosófico-Histórico—Idéas Ironicistas—Moral—Temas sociológicos—Pedagogia—Vida Espanhola—Homens Representativos—Trabalho Polémicos—Lecturas—Fragmento Inedito.

Preço 15\$00—Pelo correio 16\$50

Pedidos à Administração da A BATALHA

Por Arcinio. Preço 15\$00.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro anúncio deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice)

Capas e índice em separado, 15\$00

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração da A Batalha.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

A VENDA a 10.ª SÉRIE

de "Os Mistérios do Povo"

Interessante romance histórico profumentemente ilustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução francesa.

Assinatura pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

Rabota mais barata

A BATALHA

A verdadeira força do proletariado reside na diversidade da sua acção.—RICARDO MELLA



ACTUALIDADE SINDICAL

A situação dos reformistas nos países escandinavos e bálticos

Nos países escandinavos os sindicatos giraram na primeira fase do seu desenvolvimento. E' tão forte a reacção nos novos estados da Letónia, da Lituânia e da Estónia que o movimento operário não tem forças que resistam aos ataques da burguesia e do governo, quer a luta se desenvolva no campo político, quer no campo económico. Em toda a região báltica, um regime primitivo afoga desapiedadamente toda a ação que pretenda atingir a emancipação social dos trabalhadores.

A organização operária verifica-se um atraço considerável. Há partidos que se dizem socialistas, mas colaboram estreitamente com os governos e nada representam para a liberação dos trabalhadores.

Os comunistas estão ao serviço do estado russo, nos sindicatos que ainda são muito débeis. E' certo que nas organizações sindicais de Estónia-Letónia existe uma corrente sindicalista produzida por elementos que regressaram da América, onde militaram nas organizações sindicalistas revolucionárias, os quais não conseguiram ainda uma cristalização orgânica.

O movimento operário báltico não oferece, porém, um aspecto brilhante.

Na Escandinávia, o movimento operário é forte e seguro e nela se encontram representadas todas as modernas tendências sindicalistas. Sómente são aderentes à Internacional em Amsterdão os sindicatos reformistas da Suécia. A central sindical reformista da Noruega abandonou aquela Internacional há muitos anos. A central da Dinamarca continuou, mas separou-se, há pouco tempo, uma fração de 80.000 trabalhadores, resultando disso que tanto a central nacional como a Internacional tiveram um geral enfraquecimento nas suas dinamarquesas.

A Federação Sindical Internacional tem, pelo que se sabe, uns meninos caprichosos que, no norte europeu, não deixam dormir tranquilamente.

Na Noruega governa há tempos uma confusão indescritível, que não se dissipou. As responsabilidades recaem todas sobre os partidos políticos que reduziram a força operária a um caso significativo, apenas. Comunistas e sociais democratas, e todos os que entre uns e outros pululam, formaram vários partidos e enfraqueceram o movimento sindical. Mostram-se agora cansas das conflitos partidários.

Luta de classes

A esfogada resistência do pessoal da Litografia Nacional do Porto

PORTO, 12. — Com uma abnegação extraordínaria, por parte do pessoal da Litografia Nacional e de todos os seus colegas do Norte, tem-se mantido, e continuar-se há mantendo, a greve do quadro da Litografia Nacional, na qual tem havido provas dumha resistência admirável.

Não obstante todas as artimanhas patronais, no sentido de promover a discordia e a defecção entre os grevistas, estes, secundados pelos seus camaradas das demais oficinas, mantêm-se firmes e decididos a prosseguir na luta encetada até à consecução do seu «desiderium»: a equiparação dos seus irrisórios salários aos das casas que melhor pagam, esta cidade.

Ainda não houve oportunidade para negociações devido a isso se opor a mais absoluta intransigência patronal, tão insolidamente manifestada em todas as suas ações.

As condições para a terminação da greve defendidas pelos litógrafos do Porto são as seguintes: satisfação integral e completa da sua reclamação de salários, entrada e recondução de todo o pessoal aos seus antigos lugares, e expulsão prévia de todos os indivíduos que atraçaram o movimento.

Felizmente, aperte um certo número de menores, que entraram como aprendizes, poucos são os homens que se prestaram ao ridículo e triste papel de traidores.

Os leitores de *A Batalha* já conhecem os nomes de alguns, como Eduardo Fernandes «Delém», Damião Fernandes de Sousa (encarregado), um filho deste de nome Armando, um tal Emílio (chapeleiro), Jorge Pacheco (o coxó), e o resto são pequenos aprendizes inconscientes que não precisam menção especial.

Dos cinco tatufoços acima apontados, apenas os três primeiros conhecem alguma causa da profissão, sendo os outros, apenas, acólitos dos facinoras que estão roubando o pão e o sustento das famílias aos litógrafos em greve pelo bem-estar de toda a classe.

Não reconhecem estes fargantes que todo o homem que trabalha e que exerce uma profissão, tem todo o direito a um salário suficiente para satisfazer os seus encargos e o sustento de sua família?

Pois, outro fim não tem este movimento, senão evitar que quem trabalha na indústria litográfica necessite de se emprenhar ou de pedir uma esmola, fora da oficina, como infelizmente temos exemplo disso se pode provar. Tão deficientes e minguados eram os seus salários!

Acaso não será legítimo o direito à vida? Não será lícito lutar por uma causa tão justa?

O que não é lícito nem admissível é pre-judicar os seus companheiros, quando lutam pelo bem comum, quando pretendem conquistar mais um bocado de pão para si e para os seus, quando reclamam uma remuneração mais humana pelo esforço dispensado, pelo desempenho das suas funções e pelo seu merecimento.

Mas, há sempre facinoras e arranjistas como os dois primeiros citados, que com premeditação má fê atraçam esta causa fazendo o seu jôgo e o dos patrões; aparecem sempre tatufoços e ignorantes, com os seus acólitos, que aproveitam sempre estas ocasiões para encontrar quem os aceite ao seu serviço.

Mas, ainda há mais: também quase sempre aparece quem — usando dum pau de dois bicos — pretenda servir a uma parte, sem cair no desagrado da outra, o que é, interamente, impossível e extremamente ridículo.

Todo o homem consciente deve ter, bem

Frederico Adler, secretário da International reformista, esteve em Oslo e permitiu ao partido social-democrático que abandonasse a International socialista, a fim de dar caminho a uma solução do problema que origina as scissões. Este acto da International, generoso na aparição, foi um diplomático jôgo de xadrez em que os amsterdãos não primaram de honestidade.

Os reformistas de Amsterdão procuraram agora reconquistar as posições perdidas na Escandinávia e fortalecer aquelas que ainda mantêm. Este objectivo deveria animar a conferência realizada, em Estocolmo, no mês de Dezembro findo.

A central norueguesa várias vezes solicitou o concurso das organizações escandinavas, que deveriam ser, na sua opinião, uma continuidade da International. Esta circunstância foi aproveitada pela International em Amsterdão, que exerceu pressão sobre a central norueguesa de forma a levá-la à sua adesão.

Na conferência sindical escandinava foi aprovada, mas tendo o voto contrário da Noruega e da Finlândia, uma moção preconizando a colaboração escandinava como possível desde que a central norueguesa ingressasse na International em Amsterdão. As organizações norueguesa e finlandesa ficaram em minoria e, por isso, a primeira terá forçosamente de permanecer aderente a Amsterdão se quiser participar do pacto escandinavo.

Os sindicatos finlandeses são também atingidos pela resolução da conferência, pois não se encontravam aderentes à International reformista, como a nenhum outra. Por esta razão ficam impedidos de fazer parte de um «comité» que se constituiu para a cooperação sindical entre os países bálticos.

Os factos expostos comprovam, então, que os amsterdãos venceram em toda a linha. As resoluções propostas por noruegueses e finlandeses foram repelidas. A tendência moscovita não tem, portanto, a menor probabilidade de êxito na Escandinávia e no Báltico.

As organizações báltico-escandinavas, aderentes à A. I. T., não assistiram à conferência sindical.

(Received by intermédio do Serviço de Imprensa da A. I. T.)

infida, a compreensão dos seus deveres, e, como colega, deve saber onde está o seu lugar.

Como artista, com os seus companheiros, fazendo causa comum com eles, e defendendo-lhes as aspirações idéias e justas; e, nunca, o contrário, como «algum que, com bastante merecimento artístico, se deslustra e ameaçinha — colaborando com os patrões em litígio, para detriamento dos seus colegas em luta pela reclamação mais justa e mais humana que é possível fazer-se: a equiparação dos seus íntimos salários.

Não obstante todas as artimanhas patronais, no sentido de promover a discordia e a defecção entre os grevistas, estes, secundados pelos seus camaradas das demais oficinas, mantêm-se firmes e decididos a prosseguir na luta encetada até à consecução do seu «desiderium»: a equiparação dos seus irrisórios salários aos das casas que melhor pagam, esta cidade.

Ainda não houve oportunidade para negociações devido a isso se opor a mais absoluta intransigência patronal, tão insolidamente manifestada em todas as suas ações.

As condições para a terminação da greve defendida pelos litógrafos do Porto são as seguintes: satisfação integral e completa da sua reclamação de salários, entrada e recondução de todo o pessoal aos seus antigos lugares, e expulsão prévia de todos os indivíduos que atraçaram o movimento.

Felizmente, aperte um certo número de menores, que entraram como aprendizes, poucos são os homens que se prestaram ao ridículo e triste papel de traidores.

Os leitores de *A Batalha* já conhecem os nomes de alguns, como Eduardo Fernandes «Delém», Damião Fernandes de Sousa (encarregado), um filho deste de nome Armando, um tal Emílio (chapeleiro), Jorge Pacheco (o coxó), e o resto são pequenos aprendizes inconscientes que não precisam menção especial.

Dos cinco tatufoços acima apontados, apenas os três primeiros conhecem alguma causa da profissão, sendo os outros, apenas, acólitos dos facinoras que estão roubando o pão e o sustento das famílias aos litógrafos em greve pelo bem-estar de toda a classe.

Não reconhecem estes fargantes que todo o homem que trabalha e que exerce uma profissão, tem todo o direito a um salário suficiente para satisfazer os seus encargos e o sustento de sua família?

Pois, outro fim não tem este movimento, senão evitar que quem trabalha na indústria litográfica necessite de se emprenhar ou de pedir uma esmola, fora da oficina, como infelizmente temos exemplo disso se pode provar. Tão deficientes e minguados eram os seus salários!

Acaso não será legítimo o direito à vida? Não será lícito lutar por uma causa tão justa?

O que não é lícito nem admissível é pre-judicar os seus companheiros, quando lutam pelo bem comum, quando pretendem conquistar mais um bocado de pão para si e para os seus, quando reclamam uma remuneração mais humana pelo esforço dispensado, pelo desempenho das suas funções e pelo seu merecimento.

Mas, há sempre facinoras e arranjistas como os dois primeiros citados, que com premeditação má fê atraçam esta causa fazendo o seu jôgo e o dos patrões; aparecem sempre tatufoços e ignorantes, com os seus acólitos, que aproveitam sempre estas ocasiões para encontrar quem os aceite ao seu serviço.

Mas, ainda há mais: também quase sempre aparece quem — usando dum pau de dois bicos — pretenda servir a uma parte, sem cair no desagrado da outra, o que é, interamente, impossível e extremamente ridículo.

Todo o homem consciente deve ter, bem

Do Comité Pró-Presos por Questões Sociais AO PROLETARIADO DE TODO O PAÍS

Este Comité, no cumprimento da sua missão, mais uma vez vos dirige, apelando para o vosso sentimento de solidariedade, a fim de que no próximo sábado, não esqueçais a situação dos presos, que jazem nas prisões e de suas famílias que sofrem horríveis privações, não possuindo pão para os seus filhos.

No momento em que receberdes o vosso reduzido salário, lembrai-vos que existem companheiros vosso que, impossibilitados de auferirem, embora que diminuto, um salário para alimentar os seus, sofrem as torturas do cárcere.

A sua prisão não pode nem deve ser pelos trabalhadores esquecida, porque ela foi originada pelo ódio da burguesia e do Estado, contra aqueles que com dignidade defendem um pouco mais de bem estar para si e para os seus camaradas.

A situação que elas hoje atravessam, todo o trabalhador está sujeito a atravessar, logo que se não deixe explorar.

Espera portanto, este Comité, que todos os trabalhadores contribuam na medida do possível para os presos, tirando quetes nos locais de trabalho e enviando-as ao Comité.

Operário! Cumple o teu dever de Solidariedade para com os presos!

Lembrai-vos da miséria em que vivem os filhos dos mesmos!

A opressão do capitalismo deve-se responder com a nossa Solidariedade moral e material.

Assim o espera

O Comité Pró-Presos Sociais.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Um novo núcleo em Viseu

VISEU, 10. — No sábado último chegou a esta cidade Antônio Inácio Martins, secretário geral da secção federal do norte das Juventudes Sindicais, que ao Sindicato da Construção Civil de Viseu vinha realizar uma sessão de propaganda pró-organização do Núcleo das Juventudes Sindicais.

Na noite de sábado reuniram-se à volta

daquele delegado quase todos os elementos

afectos à organização operária. Trocaram-se

impressions, discutiu-se com interesse, aclamaram-se pontos de vista. No domingo, pelas

11 horas, principiou a sessão de propaganda

na sede do Sindicato da Construção Civil, a qual presidiu Gilberto de Carvalho,

que foi secretariado por Bernardino Sousa e Severo de Almeida, actual secretário ge-

ral do Sindicato.

Presidiu à sessão o antigo militante Francisco Paradela, que foi secretariado por Graça e Pereira.

O presidente expôs os objectivos da ses-

são, verberando o procedimento do opera-

riado lamecense e, em especial, a classe

dos manufactureres de calçado que não com-

pareceu na sua máxima fôrça, como era seu

dever.

Explorou em seguida o desleixo e indiferen-

tismo a que foi votada a Associação pela

maioria dos seus componentes, condenando

o desastre que a mesma causa de inéptos, e

desconhecidos, que só se sustentam a dedo,

que só se sustentam a dedo,